



GT – 14: Mobilidade, migração e espaço urbano

MOBILIDADE, NOMADISMO E O SENTIDO DE LUGAR NA CONTEMPORANEIDADE

Famara de Souza Lemos
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
famaralemos@gmail.com

Eugênia Maria Dantas
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
eugeniadantas@yahoo.com.br

RESUMO:

O artigo reflete acerca da mobilidade no contexto das transformações da globalização e suas repercussões na ascensão de nomadismos contemporâneos. Marcados pela potência da mobilidade, em redes virtuais e espaciais, em especial, do grupo social dos Nômades Digitais, trabalhadores remotos que dispõem de liberdade geográfica. A busca por experiências de viagens deste grupo, os destinam a lugares onde conciliem trabalho e qualidade de vida, o litoral do nordeste brasileiro têm os atraídos, estão há compor rotas de viagem, sendo a Praia da Pipa/RN um dos principais destinos. Neste recorte espacial, realizamos uma leitura sobre as relações entre o sentido de lugar, investigamos por meio da análise das representações imagéticas em plataformas e redes sociais online, elementos midiáticos e simbólicos, aos quais relações entre experiências de viagem e recursos existenciais se evidenciam, contendo pistas sobre a conexão entre lugares e pessoas.

Palavras-chave: Globalização; Mobilidade; Lugar.

I. INTRODUÇÃO

A composição da sociedade contemporânea é marcada pelas transformações iniciadas no século XVIII. Nos ideais de progresso, alicerçado na criação de vias de locomoção, transportes, meios de comunicações, técnicas-industriais alteraram a disseminação e a incorporação do processo produtivo, tecendo um campo geográfico de mudanças e repercussões em diferentes escalas (local, global, mundial). Fronteiras e distâncias espaciais vão sendo, a cada momento, encurtadas e desconfiguradas em favor da instantaneidade, simultaneidade e velocidade com as quais os objetos, as pessoas, as mercadorias se deslocam pelo mundo, colocando em contato diferentes formas de ser, pensar e existir. Com a Modernidade o mundo se expõe, pela proximidade, a cultura, a técnica e a produção e, como isso, se revela em cenários de coexistências, disputas, desigualdades, diferenças.

Dessa perspectiva, as mudanças se acentuaram na década de 50 do século XX com a ampliação dos sistemas de comunicação e informação, ao ponto de teóricos como Jameson (2000) anunciarem rupturas e aberturas com indícios de um pós-modernismo, sobretudo pelas ressignificações, simbolismos, lógicas culturais referentes às práticas e estilos de vida. Stuart Hall (2006) endossou o debate ao tratar de processos de deslocamento das identidades. John Urry (2007) alicerçou considerações sobre a centralidade da mobilidade na contemporaneidade pela ampla significação das práticas sociais, econômicas, políticas, ideologias e de infraestruturas que as envolvem.

A partir desse período, ter-se-á registrada, com maior ênfase, a influência do humanismo, do marxismo e das filosofias do significado na interpretação do espaço, da produção, dos modos de fazer e de pensar a cultura. Os estudos de Relph (2012) e Tuan (2012) sobre o lugar e a experiência; de Santos (2005), de Côrrea (2003) acerca da reprodução do espaço e das práticas espaciais e culturais que denotam campos de reflexão sobre as mudanças e as crises associadas a urbanização, do capitalismo, da sociedade do consumo, ao lugar como espaço do pertencimento.

Verifica-se a fabricação dos lugares como uma realidade tramada nas representações imagéticas, em suportes midiáticos que fazem circular as mudanças na sociedade e as possibilidades de se chegar a pontos no mundo a partir dos avanços dos sistemas de transportes

e comunicação. A massificação das viagens de longa distância, vendidas em roteiros turísticos, as migrações internacionais, as possibilidades de trabalho, de lazer puderam gozar da abreviação do tempo em percorrer longas distâncias. Sair, se deslocar, migrar foi enredando à trama dos lugares à trama do mundo, entrelaçando movimentos de resistência, profusão e renovação não apenas do processo produtivo, mas também, das camadas populacionais que puderam ver além da sua janela outras rotas capazes de alterar aquelas do cotidiano. Nesse processo vê-se a mobilidade num crescente populacional com características móveis, flexíveis e nômades.

Considerando o exposto, o artigo problematiza o fluxo de pessoas a partir da mobilidade expressa em um nomadismo contemporâneo, considerando as seguintes indagações: Como o nomadismo se configura um fenômeno geográfico para a invenção dos lugares? Quais tipos de nomadismos se afiguram na contemporaneidade? Quais elementos se apresentam como motores nos lugares para as práticas de nomadismo? Como os lugares se tornam ambientes para experiências nômades? Objetiva-se discutir o nomadismo na invenção dos lugares contemporâneos, trazendo contribuições a geografia e áreas afins.

Isso porque, entendemos a existência de nomadismos contemporâneos como um fenômeno social e espacial, marcado pelo desenvolvimento de tecnologias da informação e da comunicação, que tornaram possíveis a desterritorialização do trabalho. Poder trabalhar distante da uma base física de pertencimento, como é o caso do grupo social Nômades Digitais, torna os lugares campos abertos a invenção, para estimular vivências e experiências existenciais, atraindo esses errantes, seus estilos de vida e um conjunto de possibilidades aderentes aos lugares. A visibilidade ganha relevo, de modo que a cena urbana é matizada pelo bem viver, pelo contato com a natureza, pelo acolhimento em acomodações que se mesclam a residências, ganham as mídias digitais em suas mais diversas formas de imagem e compartilhamentos virtuais.

O interesse em pesquisar sobre o nomadismo no cenário brasileiro nos remete a alguns movimentos, contextos e lugares que trazem algumas dessas marcas, mas em certa medida, também, as ultrapassam, daí porque estabelecemos como recorte para esse artigo o segmento dos Nômades Digitais. Nos debruçamos mais detidamente no cotidiano da Praia da Pipa,

localizada no nordeste brasileiro, no litoral sul do Rio Grande do Norte, situado no município de Tibau do Sul.

O município recebeu investimentos estaduais e federais (como os do Programa Nacional de Desenvolvimento e Estruturação do Turismo), recebeu a classificação como destino turístico categoria A pelo Ministério do Turismo. Possui selos internacionais e prêmios em reconhecimento às boas práticas do turismo responsável. Os investimentos públicos e privados transformaram a antiga vila de pescadores dos anos 1970 e 1980 em um destino turístico de fama nacional e internacional ao longo das décadas dos anos 2000. Essa posição foi conquistada enquanto o processo de urbanização acelerado e desordenado promoveu transformações no perfil demográfico, territorial e paisagístico.

A Praia da Pipa é o distrito mais conhecido, tido como um dos lugares paradisíacos do litoral nordestino, comparada a destinos como Jericoacoara/CE, Porto de Galinhas/PE e Itacaré/BA. Diversos perfis de nômades a buscam, inicialmente, para lazer, ócio e bem-viver; e alguns, depois de conhecê-la, elegem-na como morada, seguindo por meses, anos e décadas enraizados e territorializados nas tramas de um lugar múltiplo, cosmopolita e internacional. Nesse lugar identificamos a presença de Nômades Digitais que lá trabalham e vivem, de forma temporária, representam e performam o estilo de vida nômade.

As representações imagéticas produzidas e compartilhadas nas redes sociais colaboram para o desejo da viagem, ao mesmo tempo em que fabricam o lugar Praia da Pipa, onde nomadismo, mobilidade e lugar incitam problematizações para os estudos geográficos. Nesta perspectiva, as experiências nos lugares têm protagonismo, por reverenciarem os sentidos que ligam os sujeitos ao espaço vivido.

O percurso metodológico da investigação se deu por meio da observação e análise de representações imagéticas digitais, divulgadas em plataformas e redes sociais online. No compartilhamento de imagens, com elementos midiáticos e simbólicos compondo tramas virtuais e espaciais, que nos dão pistas sobre as buscas e os recursos existências vinculadas ao sentido de lugar. Desta feita, esse artigo contém a discussão teórica sobre nomadismo, modernidade e a fabricação dos lugares, a apresentação da cena urbana na Praia da Pipa.

II. DA EMERGÊNCIA AO DESLOCAMENTO DO LUGAR

Os estudos da geografia cultural, ao longo do século XX, acompanharam as mudanças ocorridas nas relações econômicas, sociais e políticas do mundo moderno. A configuração da nova ordem mundial atuou para mudanças epistemológicas e conceituais na ciência geográfica, sob influências filosóficas que lançaram um novo olhar para o humano. Uma das maiores inovações foi a ressignificação da concepção de Cultura, aliada a defesa do Lugar, conceito que se integrou ao horizonte humanista, ao possibilitar aberturas e tensionamentos sobre as experiências no espaço.

Desde o período clássico da ciência geográfica os estudos sobre as relações homem e ambiente, o uso da técnica e o trabalho na constituição de paisagens, posicionaram o homem como um produto do meio, capaz de se adaptar às condições ambientais, ao passo em que desenvolviam a cultura, materializada em ferramentas e utensílios, atribuídos de usos e sentidos de conhecimento espacial.

O geógrafo Carl Sauer, da escola norte-americana no início do século XX, foi um dos pioneiros na preparação do campo dos estudos culturais. Ao aplicar a ideia de cultura aos problemas geográficos, considerava que os elementos culturais estavam, aparentemente, diluídos por circunstâncias e pelos acasos. Ao geógrafo cabia a tarefa de classificar as áreas culturais de acordo com os agrupamentos humanos, mapeá-los e descrevê-los, práticas metodológicas para identificar nas marcas visíveis das paisagens as expressões do habitar humano na Terra.

Sauer (2003) reconhecia na geografia clássica, do século XIX, o legado do trabalho do geógrafo alemão Friederich Ratzel na investigação sobre os assentamentos humanos, a mobilidade populacional, a difusão da cultura pela comunicação, bem como nas monografias regionais e o gênero de vida de Paul Vidal de La Blache, a presença da dimensão cultural nos estudos empreendidos até então. Os temas atentaram para o papel das migrações e das difusões, entendidas como elementos individuais e complexos, com efeitos sobre a habitação, a produtividade, os processos de comunicação e contato entre pessoas e a aculturação: “uma cultura passa a se difundir quando os que a compartilham se deslocam, ou quando sua correspondente esfera de comunicação, e os símbolos aí incluídos, prevalecem sobre as outras

culturas em novos territórios” (SAUER, 2003, p. 29). A preocupação em observar a distribuição espacial das culturas, no tempo e no espaço, aliada aos aspectos materiais ofereceram um caminho para as pesquisas geográficas, desenvolvidas durante o período da chamada Nova Geografia ou Geografia Quantitativa (GOMES, 2009), marcado pelo rigor do método positivista.

A expansão da economia global, o aumento dos fluxos migratórios, a ascensão dos movimentos sociais e ecológicos, configuraram novos arranjos espaciais e mostraram ao mundo a impermanência e as preocupações com o humano. Na década de 1970, movimentos externos e internos, clamavam por renovações na ciência geográfica, críticas pontuaram o descompasso das pesquisas com a realidade dos fenômenos do mundo. A crise paradigmática nas Humanidades ressaltou o tamanho da dimensão cultural dos processos em ação, tornando imprescindível a ressignificação da cultura para o conhecimento científico.

Sob a influência das filosofias, dentre elas o existencialismo, a fenomenologia e o materialismo histórico dialético, a redefinição da cultura trouxe uma concepção mais coerente, baseada na estética, na experiência, na política. Assim, ampliando os caminhos para os estudos da cultura nas ciências humanas e sociais, e na geografia, em particular. A ressignificação da cultura significou a ampliação do olhar sobre as dimensões materiais e imateriais. Segundo Corrêa e Rosendahl (2003, p. 13) a cultura passou a ser lida como “um reflexo, uma mediação e uma condição social”. Os significados, a imaginação, os simbolismos foram entendidos como parte integrante da espacialidade humana. O que permitiu aos geógrafos culturais assumir a intelegibilidade da ação humana na Terra, ao olhar atentamente para as dimensões imateriais da cultura, até então negligenciadas, deixadas à margem do escopo dos estudos geográficos.

O conceito de Lugar foi reelaborado entre as décadas de 1970 e 1980, nos trabalhos de geógrafos norte-americanos que construíram a abordagem humanista como Yi-Fu Tuan, Edward Relph, Anne Buttimer e J. Nicholas Entrikin. Colocaram em relevo a fenomenologia, filosofia na qual a existência se dá nos lugares, entendido como centro de significado, vivenciados no cotidiano, onde as experiências e o conhecimento espacial se constrói o encontro entre o ser-no-mundo.

“Existir é ter um lugar” esta constatação de Entrikin (1980) se articula a abordagem fenomenológica de Edmund Husserl no entendimento da indissociabilidade entre experiência e

existência, ao situar espacialmente no Lugar os fenômenos da experiência. O filósofo alemão se dedicou a construir uma crítica ao positivismo nas ciências humanas, sua influência no pensamento dos geógrafos norte-americanos promoveu a elaboração e defesa do conceito de Lugar, compreendendo o espaço existencial que é, em si, o mundo vivido fenomenológico.

Segundo Relph (2012) a geografia como estudo de Lugar se baseia, ao mesmo tempo em que transcende, as observações particulares, para esclarecer as maneiras como os seres humanos se relacionam com o mundo. Ao refletir sobre a emergência, os aspectos e a essência de Lugar, elaborou categorias relevantes para os estudos humanistas na geografia, na medida em que a subjetividade e a intersubjetividade ganharam importância na compreensão sobre os processos espaciais e suas repercussões na vida dos sujeitos, habitante dos lugares. Três categorias, em particular, definidas pelo autor mobilizam tensionamentos sobre o nomadismo e a possibilidade de se relacionar com os lugares marcados pela fluidez e mobilidade, são eles: o Sentido de Lugar, tido como a capacidade de apreciar lugares e apreender suas qualidades; as Raízes e os Enraizamentos associados ao pertencimento e a imobilidade; a Fabricação de lugar, envolta na identidade do lugar e nas apropriações feitas por agentes políticos e empresariais, na intenção de atrair investimentos.

As experiências dos nômades digitais evidenciam o enlace entre tais categorias. A fabricação do lugar perpassa a inserção do global no local, na constituição de materialidades que garantam os recursos existenciais de atratividade, como a conectividade telemática, a oferta de serviços de hospedagem e lazer do amplo setor turístico empresarial, das ações políticas da gestão municipal. Ao mesmo tempo, em que há pelos sujeitos nômades, uma busca por conexão com o lugar e com as pessoas, as que estão enraizados no lugar, bem como as que também estão de passagem, na condição de nômade, ambas experimentando em suas trajetórias individuais e coletivas o Sentido de Lugar.

As tramas globais-locais tencionam sobre a permanência da essência dos lugares em suas composições singulares, frente a exportação de estilos de vida e de consumo inseridos no processo da globalização. Desde a década de 1980, Relph visualizava nas ideias de transitoriedade e transnacionalismo, as consequências das repercussões da globalização, aos aspectos existenciais e subjetivos dos sujeitos em um mundo que rapidamente se transformavam.

Na contemporaneidade os geógrafos têm olhado para o Lugar não apenas como estático e enraizado, entendendo a mobilidade como um fenômeno que gera novas repercussões espaciais. Cresswell (2006) ao dedicar-se ao fenômeno da mobilidade, entende-a tal enquanto fundamento geográfico da existência, central para a experiência humana de mundo e de lugar. As formas de deslocamento, associadas às práticas espaciais e às corporeidades, atribuem significados e elaboram representações repletas de significados: “The movements of people (and things) all over the world and at all scales are, after all, full of meaning. They are also products and producers of power” (CRESSWELL, 2006, p. 2)

A estrutura da mobilidade se dá através das redes de transportes e de comunicação, física e virtual, se caracteriza pelas acelerações e velocidades, na fluidez de um mundo móvel, que afeta as percepções e as subjetividades. A possibilidade de estar e viver em viagem, em contínuas partidas e chegadas, colabora para novos modos de apreender o espaço e o lugar, afinal o movimento constrói maneiras de ver e de viver o mundo. Cresswell (2006) destaca o papel das imaginações de mobilidade, diferenciadas durante a constituição da modernidade, colocadas em oposição entre o paradigma do sedentário e do nômade. Respectivamente, caracterizado pelo enraizamento e pela autêntica existência do lugar na sociedade moderna; o outro pelo retorno à errância, ao desenraizamento na sociedade pós-moderna.

Segundo Maffesoli (2001) o nomadismo é baseado nos valores dionisíacos, no tribalismo pós-moderno e na pulsão da errância. O homem pós-moderno estaria impregnado de errância, que transparece, por exemplo, nas migrações do trabalho e do consumo, nas migrações sazonais do turismo e das viagens, nas migrações induzidas por desigualdades econômicas. Essas mobilidades expõem a impermanência das coisas, dos seres e de seus relacionamentos, sob a ideia dos enraizamentos dinâmicos em um território flutuante (Maffesoli, 2001). De modo que o sujeito contemporâneo carrega a pulsão da errância sempre em busca de “um outro lugar”, esse movimento inclui a dinâmica do deslocamento, do exílio, da integração, da pluralidade do ser e a duplicidade da existência.

Diante dos processos de fragmentação e rupturas promovidos pela globalização, a definição de Massey (2000) sobre o espaço como encontro de múltiplas trajetórias, imbricado em redes, torna as definições clássicas de permanência, particularidade e familiaridade insuficientes na elaboração de um sentido global de lugar. Esse encontro intersecciona etnias e classes sociais,

pode ser uma fonte de riqueza, de conflito ou de ambos, pois “a globalização das relações sociais é uma outra fonte do desenvolvimento geográfico desigual e, assim, da singularidade do lugar” (MASSEY, 2000, p. 185). Assim, o lugar se torna uma mistura, das relações sociais amplas, globais, e das relações sociais locais, com suas especificidades. A visão dos lugares como nós particulares das interações das redes globais nos conduz à complexidade sobre o conceito de Lugar, reforçando a sua defesa conceitual, diante das potencialidades que pensar e investigar acerca do sentido global de lugar possibilita aos estudos geográficos. Entendendo que este também é marcado por disputas, resistência contra as injustiças sociais, exclusão e desigualdade da globalização.

O Lugar no horizonte humanista da geografia também se enlaçou as filosofias do significado, assim como o diálogo contemporâneo com a filosofia da diferença, sob influência da teoria rizomática de Gilles Deleuze e Felix Guattari, ao sugerir que os enraizamentos podem ser simultâneos, em diferentes lugares que se mantêm conectados. Para Relph, essa é uma ideia que oferece possibilidades para a “compreensão da transitoriedade e do transnacionalismo que agora parece permear a experiência de lugar para muitos” (RELPH, 2012, p. 24). Da emergência a defesa, o Lugar se reafirma como um conceito tramado em tensionamentos, os nomadismos contemporâneos trazem símbolos e significações, nas subjetividades e no habitar, na identidade e nos enraizamentos frente às possibilidades de viagens pelas estruturas da mobilidade. A busca por conexão se enlaça as reconfigurações do sentido de Lugar, capaz de refazer e recriar vínculos, formar comunidades e partilhar um estilo de vida que preza pela liberdade geográfica.

III. DA MODERNIDADE A PÓS-MODERNIDADE

A paisagem urbana é reveladora dos símbolos da modernidade, da concretude dos ideais do progresso, sobretudo pela execução dos modernos projetos de intervenções urbanísticas, da Paris do Barão Haussmann a Nova York de Robert Moses. Os planejadores urbanos colocaram em seus planos, como evidência Berman (1987), a intenção de mostrar ao mundo o que o homem moderno era capaz de realizar. A cidade se tornou uma grande obra, edificada para se tornar uma mercadoria.

Um dos pilares desta edificação estava no dinamismo da economia moderna, em um processo contínuo de aniquilamento do existente e de recriação do novo: “a cidade deixou de ser um mero teatro, para se tornar a si mesma numa produção, num espetáculo multimídia cuja audiência é o mundo inteiro” (BERMAN, 1987, p. 272). Os projetos urbanos fabricaram as paisagens e os lugares, na velocidade das inovações tecnológicas, projetando imagens e difundindo as cenas do homem moderno. Novos significados brotavam dos edifícios de concreto, o consumo se tornou expressão de um estilo de vida, na qual a cultura se dilatava na esfera da mercadoria, sobretudo pela privatização das sociabilidades, nas formas de se relacionar com os espaços públicos e privados.

Os shopping centers, como apresenta Beatriz Sarlo (2013) em *Cenas da Vida Urbana*, são reveladores da construção de sentidos por símbolos mercadológicos. A cidade como lócus da pós-modernidade parece não existir para o shopping, este é tido como - protótipo premonitório do futuro - impõe a cidade que se acomode com a sua presença. A autora também identifica no shopping um artefato adequado para os nômades contemporâneos. Afinal, com a globalização, as empresas multinacionais se expandiram para diferentes destinos turísticos, onde os nômades podem neles reencontrar familiaridades ao lar.

Depois de uma travessia por cidades desconhecidas, o shopping é um oásis onde tudo acontece exatamente como em casa: do exotismo que deleita o turista até esgotá-lo, pode-se encontrar um repouso em espaços que são familiares, mas que não deixam de ser de certa forma atraentes, já que se sabe que eles estão no ‘estrangeiro’, sendo, ao mesmo tempo, idênticos em toda parte (SARLO, 2013, p.19).

Esta constatação nos remete a reflexões sobre o Lugar como familiaridade, tencionado em contextos de desterritorialização, no qual o consumo e a cultura do mercado colaboram com sensação de segurança existencial, ao oferecer símbolos e produtos globais. Tais objetos contêm a deriva dos significantes mercantis, sendo capazes de estabelecer uma conexão do global com o local, de reconhecimento frente ao exotismo do espaço estrangeiro, por certa incomunicabilidade cultural experimentada pelo nômade no encontro com a alteridade. Ao mesmo tempo em que o shopping se revela um não-lugar, contém referenciais que constituem um lugar para sujeitos em trânsito.

Considerando o aprofundamento deste processo associado à expansão da globalização, do mundo móvel potencializado pelas tecnologias da informação e da comunicação, Jamesson (2000) identificou na expansão da indústria cultural um dos motores do projeto moderno. De

modo, que a representação dos artefatos, seus usos e sentidos, indicavam rupturas e anunciavam um novo período da sociedade: “O pós-modernismo é o que se tem quando o processo de modernização está completo e a natureza se foi para sempre. É um mundo mais completamente humano do que o anterior, mas é um mundo no qual a “cultura” se tornou uma verdadeira ‘segunda natureza’” (JAMESON, 2000, p.13). Esta referência a cultura e a natureza dialoga com a metáfora da “floresta de símbolos” de Berman (1987) do concreto armado sendo a estrutura urbana de suporte a existência citadina, através de símbolos que brotam, polinizada e fertilizada, pela produção de mercadorias e pelo consumo, tidos não apenas como objetos materiais, atuando principalmente nas subjetividades, nos estilos de vida, nas maneiras de estar e viver nos lugares.

As lógicas culturais do capitalismo tardio refletem as formas de organização econômica, dentre elas a divisão internacional do trabalho, aprofundadas a partir dos anos 2000, início do século XXI, no qual as inovações tecnológicas reforçaram o processo de desterritorialização do trabalho e dos sujeitos. As modificações sistêmicas causaram fissuras na estrutura da identidade cultural, ao promover deslocamentos.

Stuart Hall elaborou relevantes problematizações sobre a crise na identidade promovida pela globalização, responsável por abalar a identidade nacional com a emergência das identidades culturais híbridas. Esta crise ao promover a descentralização do sujeito, colaborou para a descentralização do seu lugar no mundo. Assim, a identidade pós-moderna está em processo de deslocamento e fragmentação, no qual se questiona os aspectos de pertencimento a apenas uma identidade.

A ancoragem estável, sedentária, localizada espacialmente fora abalada, a identidade cultural segundo Hall (2006) tornou-se uma celebração móvel “o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas” (HALL, 2006, p.12). A mobilidade e a globalização impactaram na condição subjetiva cambiante das identidades, pelos deslocamentos e interconexões entre os lugares do mundo.

Há um contraste entre a sociedade sedentária propagada pela modernidade, a ascensão dos nomadismos que repercutem na contemporaneidade. Podemos perceber que a reinvenção do fenômeno do nomadismo, na contemporaneidade, não se dá pelo resgate de antigas formas de civilização, de um história pré-sedentarismo, e sim pelas reconfigurações das relações sociais, resultantes das mudanças da globalização culminando em identidades abertas, fragmentadas e

contraditórias do sujeito pós-moderno. O nomadismo traz reflexões ontológicas, das condições de existências em movimento, entre pausas e movimentos, que se pratica por diversos grupos sociais no mundo.

Uma das representações fílmicas que marca a ascensão de nomadismos contemporâneos é o filme “A Praia” lançado no Brasil nos anos 2000. Um viajante norte-americano ao chegar na Tailândia encontra um mapa com instruções secretas para conhecer uma praia deserta, interessado em fugir da rota do turismo convencional, Richard procura por experiências únicas e autênticas no sudeste asiático. O encantamento com o mapa se mistura à fantasia sobre o ‘paraíso perdido’, habitado por uma comunidade formada por viajantes, que estão próximos a uma suposta harmonia com a natureza. Ao longo do filme, a Tailândia é personagem, assumindo o papel de lugar de atração de experiências de viagem. A reflexão do filme gira em torno do desejo utópico sobre o lugar, em um mundo móvel, moderno, global e interconectado. A fabricação do lugar se dá não pela ação materializadora, mas sim pela pulsão de errância, o que demonstra os laços subjetivos da dimensão do lugar e da hibridização da cultura contemporânea. Com o retorno do viajante à capital Bangkok, ele envia uma fotografia por e-mail e inicia o compartilhamento online da sua experiência, situada em Maya Bay, ilha de Ko Phi Phi Ley.

Como vimos, a sociedade pós-moderna é marcada pelo consumo de mercadorias, objetos ou lugares, que se difundiram culturalmente nas tramas da globalização. O estímulo ao nomadismo, parece estar baseado no consumo de experiências, e, portanto, na fabricação e venda dos lugares. A narrativa do filme “A Praia” nos mobilizou a analisar a cena urbana na Praia da Pipa, através de representações em mídias virtuais, que contém elementos sobre como o lugar atua na atração dos nômades digitais, como veremos a seguir.

IV. CENA URBANA: PRAIA DA PIPA

O desejo da viagem dos nômades digitais se retroalimenta de representações midiáticas sobre o estilo de vida, constantemente divulgado nas redes sociais online. Imagens e informações circulam através de compartilhamentos que atuam na construção de signos e símbolos, os quais colaboram para o desejo de viajar, conhecer e morar, mesmo que temporariamente, na Praia da Pipa. O papel das mídias digitais na profusão de imagens também

colabora para a fabricação do lugar. Sob a intenção de “vender a Pipa” diversos atores trabalham em prol do vislumbre de paisagens junto a experiência de morar e trabalhar remotamente. Ao passo que incitam a liberdade geográfica, tão desejada pelos os nômades que comumente negam as experiências do turismo de massa, e buscam vivenciar tal qual um morador temporário, de uma praia considerada paradisíaca no litoral do nordeste brasileiro.

Dentre as representações que propagam a Praia da Pipa como destino para nômades digitais brasileiros e estrangeiros, destacamos a plataforma Nomadlist¹ e o Beach Nomads Podcast². O primeiro trata-se de uma plataforma interativa que fornece informações e recursos para os usuários que são nômades digitais, reúnem informações provenientes das avaliações dos usuários sobre cidades ao redor do mundo, no intuito de ajudar os nômades digitais a encontrar os melhores lugares para viver e trabalhar remotamente.

Os indicadores da plataforma referem-se aos Custos de Vida considerando as despesas como aluguel, alimentação e transporte; a Qualidade de Vida com relação à segurança, clima, saúde, infraestrutura e opções de lazer; o acesso à Internet com informações sobre velocidade e qualidade da rede; informações sobre a Comunidade de nômades digitais em cada cidade, incluindo eventos e coworking.

A Praia da Pipa ocupa a 16ª posição no ranking do “The Best Place to Live in Brazil”, é descrita como “the best kept secret of brazil”. Na lista estão as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, em 1ª e 2ª posição, no nordeste brasileiro estão Fortaleza em 5ª, Recife em 6ª, Natal em 7ª e Salvador em 11ª. As avaliações positivas nos indicadores sobre custos e qualidade de vida, acesso à internet e as comunidades nômades, se somam as melhores avaliações, no que se refere a vida noturna, ambiente amigável para estrangeiros, para mulheres e para a comunidade LGBTQIA+. O Nomadlist nos demonstra a articulação em rede, de informações que também são representações, e de certa forma, incitam a escolha dos destinos de suas viagens.

O Beach Nomads Podcast é um perfil no Instagram e no Youtube que produz conteúdos no formato de podcast sobre as trajetórias profissionais de nômades contemporâneos que vivem na Praia da Pipa. Sujeitos que estabeleceram moradia de média ou longa duração em diferentes anos, entre viagens de idas e vindas, e em algumas trajetórias, migraram e tornaram-se moradores e investidores em empreendimentos locais.

¹ Site Nomadlist: <https://nomadlist.com/brazil>

² Perfil do Instagram: <https://www.instagram.com/beachnomadspodcast/?hl=pt-br>

A publicação (figura 1) nos convida a identificar elementos atrativos presentes na Praia da Pipa, compartilhadas no Instagram, nas três fotografias ilustrativas sobre o estilo de vida nômade. O tempo livre para contemplação de um fim de tarde, a prática de atividades físicas, como a canoa havaiana, o escritório na praia com o uso do notebook – ferramenta de trabalho, diante do mar. Há o intuito de evidenciar a qualidade da conectividade da rede de internet para o trabalho remoto, as belas praias onde atividades esportivas diurnas estão à disposição, a vila com as atividades noturnas de lazer que possibilitam, dentre outras coisas, a conexão entre pessoas de diferentes regiões do Brasil e de diversas nacionalidades.

Figura 1: Publicação do perfil @beachnomadspodcast e os elementos midiáticos simbólicos do nomadismo digital.



Fonte: Instagram, junho de 2024.

O estilo de vida tem um custo, envolve a compra da moradia temporária, custos que indicam os interesses dos nômades. Assim, esses custos são elementos entendidos como recursos existenciais, a oferta dessa experiência, nesse lugar situado, atrai nômades digitais que empreendem viagens com o desejo de vivenciá-las, sendo essas experiências tramadas no consumo e nas mercadorias, fabricadas pelo e no lugar.

A evocação de um “santuário para nômades digitais” reforça a ideia da comunidade de natureza e tecnologia. Esta comunidade ganha o status de internacional e de cosmopolita por

agregar nômades digitais brasileiros de todas as regiões, em particular sudestinos e sulistas, e de estrangeiros, sobretudo latino-americanos (argentinos, uruguaio e chilenos) e europeus (italianos e espanhóis), que usufruem da ‘natureza exuberante’ e da ‘vida noturna vibrante’. Difundindo em suas redes sociais online, as imagens e as representações de como se dá o estilo de vida nômade na Praia da Pipa, o lugar torna-se personagem desta narrativa midiática.

O perfil profissional dos nômades é marcado pela atuação em áreas voltadas ao marketing e empreendedorismo digital, a tecnologia da informação, as atividades esportivas e terapêuticas online, e também de profissões que vêm, cada vez mais, se adaptando ao meio digital, oferecendo serviços via internet. O que faz da relação entre vivências e compartilhamento das experiências online tenham camadas que se retroalimentam, considerando que alguns destes sujeitos são produtores de conteúdo nas redes sociais.

As histórias de vida dos nômades convidados para o podcast tem em comum a escolha da Praia da Pipa como uma base, termo que é recorrentemente utilizado para se referir a um lugar de pausa e de retorno, entre as viagens, que pode ser imaginada como um certo tipo de enraizamento, que nos conduz a tencionar sobre os Sentidos de Lugar na contemporaneidade. No podcast são apresentadas diferentes faces do nomadismo, nos revelam elementos deste estilo de vida, com destaque a potência da mobilidade, pela possibilidade de realizar viagens, estabelecer pausas e depois seguir para outros destinos. Porém, o que faz o nômade estabelecer uma “base” na Praia da Pipa? Esta questão parece estar vinculada à conexão com o lugar e entre as pessoas que formam a comunidade nômade.

A análise desta representação produzida na Praia da Pipa nos conduz a perceber que as transformações contemporâneas advindas do desenvolvimento tecnológico se manifestam na esfera da cultura da mobilidade (LE MOS, 2009), na qual trabalho, consumo, mídias e viagens se tramam em diferentes formas de conexão com os lugares.

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo buscou problematizar as relações entre o fenômeno social e espacial do nomadismo contemporâneo inserido nas transformações promovidas pela globalização, com destaque a mobilidade, ao tecer redes espaciais e virtuais, colabora via informação com a conexão entre lugares e comunidades nômades.

Esta breve análise sobre o grupo social dos Nômades Digitais e sua presença na Praia da Pipa, busca compreender sobre as maneiras na qual esses sujeitos se relacionam com o Lugar, a base que escolhem para habitar. Graças aos desenvolvimentos tecnológicos, a frase “estar perto não é físico” vem se tornando uma máxima pós-moderna, que nos diz sobre as mudanças na identidade, móvel e deslocada, cabendo ao sujeito buscar por seus recursos existenciais, encontrar o Lugar no mundo. Entretanto, a presença de um grupo populacional móvel traz implicações espaciais, nas múltiplas dimensões da mobilidade e do trabalho, aos quais apontam os rumos para a investigação geográfica.

VI. REFERÊNCIAS

BERMAN, Marshall. **Tudo que é Sólido Desmancha no Ar**. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda, 1987.

CORRÊA, Roberto. ROSENDAHL, Zeny (org). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CRESSWELL, Tim. **On the Move: Mobility in the Modern**. New York: Routledge, 2006.

ENTRIKIN, Nicholas. **O humanismo contemporâneo em geografia**. Boletim de Geografia Teorética, Rio Claro, v. 10, n. 19, p. 5-30, 1980.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Geografia e Modernidade**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009

HALL, Stuart Hall. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. São Paulo: DP&A, 2006

JAMESON, Fredric. **Pós-Modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Editora Ática, 2000.

LE MOS, André. Cultura da mobilidade. **Revista Famecos**, Porto Alegre, nº 40, dezembro de 2009

MASSEY, Doreen. Um sentido global do lugar. In: ARANTES, A. A. (org.). **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000. p. 176 -185.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de Lugar. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de. (Orgs.) **Qual o Espaço do Lugar?** Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Editora Perspectiva, 2012.

SANTOS, Milton. **O retorno do território**. In: OSAL: Observatório Social de América Latina. CLACSO. Buenos Aires: Ano 6 N. 16, p. 250-251, 2005.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna**: intelectuais, arte e videocultura na Argentina. 5ª edição. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2013

URRY, John. **Mobile sociology 1**. The British journal of sociology, v. 61, p. 347-366, 2010

SAUER, Carl. Os temas da Geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto. ROSENDAHL, Zeny (org). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.